



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB) – CURSO DE  
HUMANIDADES**

KEVENY FILIPE VIEIRA NUNES

**TRABALHO INFORMAL E PRECARIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE  
MARACANAÚ**

REDENÇÃO - CE

2015

KEVENY FILIPE VIEIRA NUNES

**TRABALHO INFORMAL E PRECARIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE  
MARACANAÚ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira.

REDENÇÃO - CE

2015

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**  
**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da UNILAB (DSIBIUNI)**  
**Biblioteca Setorial Campus Liberdade**  
**Catálogo na fonte**  
**Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170**

---

N923t Nunes, Keveny Filipe Vieira.

Trabalho informal e precarização no município de Maracanaú. / Keveny Filipe Vieira Nunes. Redenção, 2015.

30f.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira.  
Inclui Referências.

1. Trabalho. 2. Setor informal. 3. Emprego temporário. I. Título.

CDD 305

---

KEVENY FILIPE VIEIRA NUNES

**TRABALHO INFORMAL E PRECARIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE MARACANAÚ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira (orientador)  
Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. Antônio Vieira  
Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. Roberto Kennedy  
Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este trabalho de conclusão de curso a Deus e a Jesus Cristo, de modo a expressar minha imensa gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço este trabalho primeiramente a Deus e a Jesus Cristo, depois à minha mãe, que me ajudou muito em toda minha vida, me dando todo apoio necessário para que eu pudesse me tornar algo que ela não conseguiu em sua vida. Apesar de todas as dificuldades encontradas, ela sempre buscou fazer o possível e o impossível para me ajudar sem nunca medir esforços. Foram muitas adversidades que enfrentamos juntas e, para conseguirmos superá-las, o seu apoio foi fundamental em todos os momentos.

Através desse agradecimento quero expressar um pouco da minha felicidade e compartilhar com essa pessoa que merece minha profunda admiração e respeito por tudo que fez e continua fazendo por mim.

Apesar de não ser formada, minha mãe sempre me incentivou a estudar e, talvez, se não fosse por seu incentivo, eu não teria chegado até aqui. Faltam palavras para expressar essa gratidão por ela – porque só eu sei o quanto ela lutou por mim e todas as coisas que ela abdicou para me ajudar.

Agradeço também a todas as pessoas da minha família que me ajudaram até aqui, dentre elas posso citar: minha mãe Lurdenia, meu avô, Caetano Arruda, minha avó, Maria de Lourdes, meu tio, Sergio Vieira, que para mim é um grande intelectual, e minha irmã Isabelle.

Quero deixar também aqui um agradecimento especial ao meu orientador, professor e grande intelectual da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira: Prof. Dr. Gledson Ribeiro, que foi de extrema importância no meu trabalho e é um profissional que eu particularmente admiro muito por sua capacidade e dedicação.

Agradeço também todos os meus colegas que me ajudaram dentro e fora da universidade. Dentre eles, agradeço a Renan Bruno, Isaac, Fladimir Andrade, Diogo Oliveira, Ícaro Oliveira, Lucas Almeida, Danilo Araújo, Paulo Roberto, Leandro Breno, Alef Erlange, Aldonio Silva, Jeferson Alves e Ítalo Robert que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui e me incentivavam a terminar esta graduação.

## **RESUMO**

Neste trabalho iremos discorrer sobre o trabalho informal no município de Maracanaú, explicaremos o conceito que o envolve, além de mostrar as dificuldades encontradas pelo trabalhador e suas conquistas, mostraremos um pouco do cotidiano de uma atividade informal específica através de uma etnografia. Demonstraremos a grande importância do trabalho informal para o município e para a vida dos trabalhadores envolvidos e tentaremos esclarecer algumas dúvidas pertinentes ao tema. Nesta pesquisa, utilizaremos principalmente o pensamento presente nas publicações de Ricardo Antunes e Robert Castel.

Palavras-chave: Trabalho Informal. Precarização. Maracanaú.

## **ABSTRACT**

In this paper we will discuss the informal work in Maracanaú, we will explain the concept that involves it, besides showing the difficulties faced by workers and their accomplishments, we will show a bit of everyday life in a specific activity through informal ethnography. We will demonstrate the great importance of informal work for the Maracanaú and for the life of the workers involved and we will try to clarify some doubts related to the theme. In this research, we will use mainly thought this in the publications of Ricardo Antunes and Robert Castel.

Keywords: Informal Work. Precarious. Maracanaú.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>9</b>  |
| <b>1. DEFINIÇÕES E CONCEITOS SOBRE O TRABALHO INFORMAL E<br/>PRECARIZAÇÃO .....</b> | <b>10</b> |
| <b>2. O MUNICÍPIO DE MARACANAÚ .....</b>  | <b>17</b> |
| <b>3. O COTIDIANO DOS TRABALHADOS INFORMAIS DE MARACANAÚ .....</b>                  | <b>19</b> |
| <b>4. CONCLUSÃO .....</b>   | <b>28</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>30</b> |

## INTRODUÇÃO

Dentre os temas que poderiam ser estudados e aprofundados nesta monografia, escolheu-se algo extremamente importante, o trabalho. Porém, fez-se necessário delimitar o escopo deste tema, tendo em mente um assunto que fosse de extrema importância no cotidiano atual. Neste contexto, foi escolhido o trabalho informal no município de Maracanaú, no estado do Ceará.

A pesquisa começa quando o debate da palavra informalidade é discutido por diversos pensadores e, mesmo assim, ainda não se conseguiu chegar a uma definição aceita por uma grande maioria dos pesquisadores. A partir desses autores consegue-se descobrir que o trabalho informal no Brasil, basicamente, é aquele realizado sem carteira assinada que não caracterize atividade de estreita sobrevivência.

Será discorrido o cotidiano de alguns trabalhadores informais por meio de entrevistas e uma etnografia. O que mais se procurou foi mostrar a importância do trabalho informal para todos aqueles que estão inseridos nessa atividade, e que esta forma de trabalho não está a margem do capitalismo.

Buscou-se entender o valor atribuído ao trabalho informal para todos aqueles que estão inseridos nele, seja direta ou indiretamente. Também foi questionado o porquê de terem optado por trabalhar informalmente, além de ser questionado o que eles considerariam ser trabalho informal.

Abordou-se ainda o conteúdo relacionado ao trabalho informal e suas precariedades. Destacou-se também situações onde, apesar de muitas adversidades, existem pessoas que conseguem se destacar neste ambiente tão hostil e competitivo.

Pesquisou-se sobre como os grandes pensadores, dentre eles Ricardo Antunes (1999), Maria Augusta Tavares (2002), G. Noronha (2003) e Robert Castel (1998) encaram o tema. Também se buscou informações relevantes colhidas através do censo do IBGE para completar o entendimento do trabalho informal e verificar quais são os fatores que o tornam precário e como ele ocorre na prática.

Portanto, será mostrada ao longo da pesquisa a ligação existente entre informalidade e precarização dentro do trabalho informal, bem como seus fatores positivos e negativos, perfil de pessoas que trabalham informalmente no Maracanaú e o que mudou na vida delas ao atuarem desta maneira.

## **1 DEFINIÇÕES E CONCEITOS SOBRE O TRABALHO INFORMAL E PRECARIZAÇÃO**

Aqui abordaremos o trabalho informal sob a perspectiva de grandes intelectuais, dentre eles Ricardo Antunes e Robert Castel, para tentar deixar mais claras algumas questões relacionadas ao trabalho informal e à precariedade contida nesta prática.

A precariedade está inserida dentro do trabalho informal e, em seu conceito, residem muitas questões pertinentes à diversidade dessa condição. São sujeitos em situação precária tanto pessoas que trabalham na informalidade de forma honesta ou até mesmo os de forma criminosa.

Primeiramente, faz-se necessário entender que as relações existentes no trabalho informal não estão à margem do sistema capitalista, pelo contrário, só existe porque o sistema permite que tal forma de organização seja produzida e reproduzida diariamente.

O trabalho como forma de inserção social é mostrado no relatório de Boissonat<sup>1</sup>, que diz ser necessário que todos tenham um trabalho para não serem excluídos no sistema capitalista modernizado, além de ser muito importante para a inserção social.

Através da flexibilização do trabalho<sup>2</sup> podemos notar que os defensores do capital assumem a tarefa de mascarar as contradições do capitalismo e sempre procuram realçar sua superfície para acharmos que é a sua essência. Por meio de suas formas de exploração, é possível enganar a mão de obra assalariada, lhe dando uma falsa autonomia em alguns empregos exercidos, que é marcada por um trabalho feito por resultados.

Neste contexto de flexibilização das formas de trabalho, fica cada vez mais difícil acreditar nas estatísticas acerca do mercado de trabalho, pois está cada vez mais complicado identificar emprego e desemprego no contexto atual.

O desemprego na contemporaneidade tornou-se algo complexo, devido aos mecanismos que o próprio capitalismo permite, como, por exemplo, o trabalho informal nas suas mais variadas formas, desde que não seja de estrita sobrevivência.

Fica cada vez mais difícil identificar quem realmente é desempregado e quem não é, a verdade é que o que continua é a exploração do trabalho com várias estratégias que mascaram a

---

<sup>1</sup> Em 1995, o Relatório Boissonat, concluiu que, no horizonte de vinte anos, o emprego continuaria sendo um meio essencial de inserção social. Portanto, se a tecnologia economiza trabalho, é melhor desdobrar os empregos existentes para que todos tenham um do que dar a uns e privar permanentemente outros.

<sup>2</sup> A flexibilização do trabalho basicamente é uma nova condição para que a mão de obra consiga um emprego nos dias atuais, porque é necessário que se desempenhe mais de uma função dentro da empresa para não ser substituído por outra pessoa que aceite desempenhar mais de uma atribuição. É necessário ser flexível e aceitar desempenhar várias funções dentro da empresa.

realidade social em que vivemos e, seja qual for a organização de trabalho no sistema capitalista, não devemos esquecer que o lucro, ou seja, a mais-valia continua sendo o foco principal<sup>3</sup>.

A lógica do sistema produtor de mercadorias vem convertendo a concorrência e a busca da produtividade num processo destrutivo que tem gerado uma imensa precarização do trabalho e aumento monumental do exército industrial de reserva, do número de desempregados (ANTUNES, 2009, p. 18).

Ricardo Antunes nos alerta que a concorrência é um grande vilão para a grande massa de trabalhadores que vendem sua força de trabalho, porque essa concorrência transforma a produtividade em um processo destrutivo. Com isso, quem vai sofrer as piores consequências serão os operários, que serão cada vez mais explorados e, assim, o capitalista busca vencer a concorrência que existe entre empresas ou empregadores dentro do processo existente no sistema capitalista, fazendo os donos do capital enriquecerem cada vez mais.

Por consequência, quando um ou alguns trabalhadores procuram reivindicar melhores condições de trabalho, algumas vezes, eles acabam sendo demitidos, aumentando o índice de desemprego, contribuindo ainda mais para o sistema capitalista, que necessita que existam muitos desempregados para poder explorar cada vez mais quem só tem sua força de trabalho para vender.

Então, a partir dessa característica do capitalismo, que permite que muitos fiquem desempregados, alguns buscam outro meio de sobrevivência para realizar seus objetivos individuais. Isso faz com que esses trabalhadores que estão desempregados e não consigam retornar ao trabalho formal, ou seja, com a verdadeira proteção social e estatal regida principalmente pelas CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), busquem uma atividade econômica informal para viver.

Para a grande maioria dos brasileiros, o trabalho informal está associado ao “sem carteira assinada”. Até em pesquisas realizadas por entidades de pesquisa do governo brasileiro, o trabalho informal é sim definido como um trabalho sem carteira. Não que essas pessoas estejam completamente erradas, mas o trabalho informal tem mais particularidades.

Muitos trabalhos com carteira assinada são extremamente precários, a grande maioria dos postos de trabalhos existentes em nosso país não valoriza o trabalhador assalariado que dedica sua energia e empenho para contribuir com o lucro da empresa. Então, muitos acabam migrando para o trabalho informal, na expectativa de ser mais bem remunerados.

A grande massa busca no trabalho informal uma melhoria na condição de vida, principalmente porque muitas atividades dele são de baixo investimento. Essas pessoas buscam

---

<sup>3</sup> Mais-valia: Horas de trabalho não pagas pelo dono do capital, que se torna riqueza, lucro; ou seja, a mais valia.

condições mínimas de dignidade humana, rendimento e autonomia, mesmo que essa autonomia não seja total.

Segundo Noronha (2003), a palavra informalidade é bastante ampla e tem diversos conceitos subentendidos. Então ele afirma que seria mais interessante deixar de falar ou escrever a palavra “informalidade” no tema do trabalho informal e passarmos a entender e falar em “contratos atípicos” porque, segundo sua visão, seria mais contextual para o tema específico e de melhor entendimento de todos que fossem pesquisar, debater ou até mesmo ler algo relacionado com o trabalho informal, principalmente quando estamos falando de contratos de trabalho no Brasil.

É preciso ser bastante cauteloso quando falamos de trabalho informal no contexto brasileiro, até porque cada país detém suas particularidades com relação ao tema abordado, então não devemos cometer o equívoco de achar que sabemos todos os conceitos e definições da palavra trabalho informal. Existem muitas definições e regras específicas para cada contexto. Então, por exemplo, aqui no Brasil, algo que é considerado informal, pouco tempo depois, pode ser considerado formal ou legal, isso porque o capitalismo está em constante mudança e sempre é preciso adaptar por novas formas de trabalho que se encaixem no sistema para que se possa cobrar mais carga tributária.

Como o capitalismo está em constante mudança, é bastante complicado compreender e destrinchar sua lógica estrutural mais especificadamente, não nos referimos à lógica que é repassada por meio de uma aparência que busca mascarar seu sistema estrutural, no entanto, é preciso entender que, mesmo que sejam entendidos e compreendidos muitos conceitos inseridos no trabalho e na economia informal, é necessário ter consciência de que não existe uma verdade única, até porque, no contexto de humanidades, sabemos que as ciências sócias não são feitas de verdades absolutas e incontestáveis e, conseqüentemente, não podem prever o futuro que o trabalho informal irá percorrer ao longo dos próximos anos no Brasil, só podemos supor.

O sistema capitalista, com toda sua estrutura, permite denominarmos esse tipo de trabalho como informal ou até mesmo nomeá-los como contratos atípicos (NORONHA, 2003). Neste tipo de trabalho existe uma grande massa de trabalhadores que vivem desse trabalho considerado precarizado. Existe sim uma forte relação entre trabalho informal e precarização do ponto de vista que os trabalhadores informais não possuem direitos trabalhistas fundamentais, como férias remuneradas, décimo terceiro salário, licença maternidade etc.

O trabalho informal é considerado como precário devido às adversidades contidas nele, que o transforma numa atividade trabalhista complexa do ponto de vista das condições mínimas que possam garantir a integridade física e moral do trabalhador.

Esses trabalhadores sem qualificação específica ou maior escolaridade acabam optando por algo considerado mais fácil, ou até mesmo uma saída para ganhar alguma remuneração.

Sendo assim, é preciso deixar explícito que, através de nossas próprias políticas, e através do próprio sistema capitalista, foi criado um sistema precarizado de postos de trabalho, que desvaloriza cada vez mais o cidadão e busca somente explorá-lo demasiadamente, só se importando em como fazer a mão de obra ficar mais e mais barata, além de inventar e reutilizar mecanismos passados (que deram certo) para intensificar a exploração e a busca por mais-valia.

Sabemos que a desigualdade entre as pessoas inseridas na lógica do mercado de trabalho brasileiro não existe apenas em nosso país, mas precisamos olhar para nós mesmos e buscar métodos para diminuir esse problema estrutural, com ações eficazes que evitem a precarização de nossos trabalhadores, que ocupam a parte inferior da pirâmide do mercado econômico brasileiro, e que são de extrema importância para o desenvolvimento do sistema econômico do país.

Falar de trabalho é sempre complexo, porque respiramos essa palavra constantemente na nossa vida, seja numa conversa entre amigos, seja quando escolhemos ingressar numa faculdade, curso profissionalizante, curso técnico, ou até mesmo quando estamos tentando conquistar alguém, por isso, é preciso tomar cuidado quando falamos de trabalho precário, até porque estamos falando de pessoas que, mesmo sem entenderem que realizam essas atividades, estão envolvidas nesse meio e é preciso respeitá-las sem fazer juízo de valor.

O sistema capitalista utiliza classes de trabalhadores menos favorecidas para aumentar o lucro do mercado econômico brasileiro, assim sendo visto no exterior como um país que está em constante desenvolvimento e é capaz de fazer parte das melhores e mais bem conceituadas entidades externas. Com isso é possível ao país fazer bons acordos com países centrais. No entanto, a verdade é que o mais importante é somente explorar e conseguir obter o máximo de mais-valia possível de cada trabalhador.

Então como o sistema capitalista nos mostra que não existem oportunidades para todos e nossa grande maioria aceita esse dogma, nem todos são considerados pessoas, (no sentido sociologicamente atribuído à palavra) e nem todos conseguirão realizar seus sonhos por mais simples que sejam. Por isso é necessário buscar e encontrar algumas formas de viver dignamente com todos os atributos que enxergamos em alguém que é considerado pessoa na lógica do nosso sistema. Então, o trabalho informal surge como forma de fazer com que aqueles que foram deixados de lado pelo trabalho formal continuem lutando por seus objetivos tanto pessoais quanto profissionais.

Em sociedades democráticas a lei é, por definição, justa. Caso não seja, deve ser mudada, mas nunca desprezada. Contudo, muitos contratos considerados justos por determinados grupos não são previstos em lei ou são francamente ilegais. Além disso, no Brasil, popularmente, o trabalho ‘informal’ típico pode ser entendido, se não como ‘justo’, ao menos como ‘aceitável’, e certamente não é considerado ‘ilegal’ a menos que se trate de crime (em geral comércio de produtos ilegais) e não apenas um contrato ilícito (NORONHA, 2003, p. 121).

No Brasil, o trabalho informal está diretamente ligado à atividade às margens da lei. Também existem atividades consideradas criminosas dentro do trabalho informal. No entanto, é preciso enfatizar que o trabalho informal não está à margem do sistema capitalista porque o próprio sistema permite a existência dessa atividade.

Então é bastante complexa essa relação entre formal e informal, legal e ilegal. O próprio sistema, que oprime e que, muitas vezes, não dá uma proteção e uma oportunidade de vida melhor, permite uma saída que muda a vida de muitos, porém não de todos.

Cada um que busca uma oportunidade nesse sistema vai encontrar diversas dificuldades, algumas parecidas com as mesmas do trabalho formal, algumas distintas. Mas o mundo do trabalho informal com certeza não é para todos. São necessários uma série de atributos para os que desejam fazer parte desse rol, atributos que vão desde uma boa argumentação e persuasão, até encontrar uma atividade rentável que lhe proporcione uma melhoria significativa de vida.

No Brasil, o trabalho informal está relacionado às atividades que não possuem uma regulamentação governamental, mas mesmo assim é relatada sua existência em alguns órgãos de pesquisa, como no IBGE.

Mesmo que existam diversas atividades, elas são consideradas ilegais para as leis do Brasil – por falta de legislação específica –, porém, sabemos que hoje, no contexto atual, uma atividade considerada ilegal pode passar à legalidade. Existem sim muitas atividades informais que são ilegais no sentido de serem criminosas, mas também existem diversas atividades que são informais e são criminosas. E são essas atividades que devem ser regulamentadas para poder mudar esse contexto do trabalho informal brasileiro que é tido sempre como uma atividade marginalizada e precarizada.

Cada um que trabalha informalmente tem diversas dificuldades. Dentre as quais podemos citar: excesso de horas trabalhadas, dificuldade para controlar as finanças (no caso de quem é investidor), não tiram férias remuneradas, não existe folga remunerada, não “podem” ficar doentes, muitas vezes há falta de apoio e até mesmo da própria família na atividade exercida, nenhuma estabilidade etc.

Outro problema existente dentro do trabalho informal no Brasil é o fato de que as estatísticas podem estar erradas em muitas pesquisas. Isso porque, se em nosso país, carteira assinada é sinônimo de estar empregado, fica subentendido que não existe outra forma de

emprego se não o trabalho formal; porém, na realidade não é bem assim que acontece. Todos esses trabalhadores que se empregam em atividades informais são considerados desempregados mesmo que estejam trabalhando e consumindo diariamente. Por esse e outros fatores é sempre necessário levar em consideração o trabalho informal no Brasil para se entender melhor várias questões, dentre elas o desemprego estrutural.

Para Augusta (2002, p.18), “Não é o operário que usa os meios de produção, é o meio de produção que usa o operário”. Podemos perceber através dessa frase como o capitalismo se comporta quando se trata da mão de obra assalariada, porque devido à grande importância de possuir uma ocupação trabalhista, o operário aceita desempenhar qualquer função para poder continuar dentro do mercado de trabalho.

Em um país com oportunidades diferentes para seus habitantes, a classe subalterna sempre fica esquecida quando é preciso que alguém seja beneficiado. Por isso esses que são esquecidos por um país com estruturas difíceis de serem mudadas tentam, de alguma maneira, ir atrás de seus objetivos, mesmo com todas as dificuldades encontradas por quem é considerado pertencente a uma classe inferior.

No contexto estudado, a classe operária sempre é a que fica com os piores empregos, com a pior educação, com os piores serviços essenciais para uma vida digna. Porém, mesmo com todas essas adversidades, essa categoria de trabalhadores consegue sobreviver buscando sempre melhorar sua realidade.

Porém, com tanta desvalorização – como seres humanos que precisam ter direitos básicos e como vendedores de força de trabalho –, o proletariado brasileiro não fica apenas esperando por políticas sociais eficazes; eles buscam melhorias de vida através de uma atividade realizada com inúmeras adversidades, mas que se tornou o único meio para muitos de sobreviver e lutar por uma condição melhor.

O trabalho informal e sua economia não são importantes para as pessoas que não precisam dessa atividade. Porém, para quem está dentro dessa ocupação, ele é tido como algo bom, tanto sociologicamente quanto economicamente, fazendo muitas pessoas encontrarem uma nova ocupação e também um novo meio de interação social, que é fundamental na vida de qualquer ser humano, servindo de proteção para os menos favorecidos e uma forma de mostrar que o sistema capitalista é tão complexo que ele permite que o proletariado possa se autoajudar e, ao mesmo tempo, prejudicar o desenvolvimento econômico do país.

O salário reconhece e remunera o trabalho 'em geral', isto é, atividades potencialmente úteis para todos. Assim, na sociedade contemporânea, e para a maioria de seus membros é o fundamento de sua cidadania econômica. Também está no princípio da cidadania social: esse trabalho representa a participação de cada um numa sociedade. É assim o ponto médio concreto sobre o qual se constroem direitos e deveres sociais, responsabilidades e reconhecimento, ao mesmo tempo que sujeições e coerções (CASTEL, 2010, p. 581).

Além de tudo o que já foi destacado, é importante salientar que, em qualquer sociedade, existe algo que é de extrema importância, o salário, porque dentro dele estão inseridas diversas questões sociais que ajudam o indivíduo a entender melhor sua vida, porém é necessário que essa importância seja notada por parte do trabalhador subalterno para que ele não troque sua força de trabalho por uma remuneração subvalorizada. Porém, sabemos que, na prática, isso é muito complicado de acontecer.

## 2 O MUNICÍPIO DE MARACANAÚ

Neste segundo capítulo será feita uma análise que nos mostrará um pouco sobre o município de Maracanaú, saberemos das principais características dele como, por exemplo, clima, economia, história, política etc. A partir de uma análise de dados sobre Maracanaú, disponíveis no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), conheceremos um pouco mais sobre este município que abriga vários trabalhadores informais.

Maracanaú fazia parte do município de Maranguape até 1983, quando se tornou independente, por meio da Lei 10.811, determinando a criação do município. O seu nome quer dizer “Lugar onde bebem as Maracanãs” que é uma palavra de origem Tupi.

Com relação à sua extensão, Maracanaú possui uma área territorial de 105,70 km<sup>2</sup> e possui um clima predominante tropical quente subúmido, com temperatura média entre 26°C e 28°C e um relevo de tabuleiros pré-litorâneos.

Maracanaú tem sua divisão político-administrativa nos distritos de Maracanaú e Pajuçara. Sua regionalização o situa como município que faz parte da Região Metropolitana de Fortaleza. No que diz respeito aos aspectos demográficos, a população que reside em Maracanaú é de aproximadamente duzentos mil habitantes, sendo estes, em sua maioria, crianças e jovens com idades entre 0 e 24 anos. Dentre a população, a maioria mora na zona urbana e a menor parte na zona rural. O prefeito chama-se Firmo Camurça.

Maracanaú possui um total de 53 unidades de saúde ligadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), sendo divididas entre sedes públicas (44 unidades) e sedes privadas (9 unidades). Possui, dentre as unidades ligadas ao SUS, 3 hospitais gerais, 1 posto de saúde, 9 clínicas especializadas etc. Possui um programa onde os agentes de saúde acompanham o desenvolvimento de crianças de até 4 anos de idade.

Seus principais indicadores de saúde são: 2,45 médicos a cada mil habitantes, 0,32 dentistas a cada mil habitantes, 1,25 leitos para cada mil habitantes, 0,25 unidade de saúde para cada mil habitantes e uma taxa de mortalidade de 9,0 para cada mil crianças nascidas vivas.

Na educação, o número total de professores que atuam dentro do município é de 2.766, distribuídos em escolas federais, estaduais, municipais e particulares. Os alunos usufruem do direito de estudar e possuem a sua disponibilidade alguns equipamentos essenciais, como bibliotecas, salas de aula em boas condições, laboratórios de informática etc. Os indicadores mostram que a população alfabetizada de Maracanaú é de aproximadamente 140 mil pessoas com mais de 15 anos.

Com relação ao emprego e renda, o trabalho formal compreende uma população de aproximadamente 50 mil trabalhadores que atuam dentro do município distribuídos nas

principais atividades: comércio, indústria de transformação, construção civil, serviços e administração pública.

A economia do município corresponde ao PIB a preços de mercado (R\$ 1.000, 00) de 3.121.055 PIB per capita (R\$ 1,00) 15.620. Agropecuária 0,12, indústria 57,93 e serviços 41,95. A finança pública tem uma receita total de 284.731 e despesas de 304.384,00.

Com relação ao principal foco da pesquisa, a pesquisa realizada em Maracanaú no ano de 2010 mostra que 25,01 de cada 100 habitantes trabalha informalmente e possuem idade entre dez ou mais anos. Estão incluídos nesses dados aprendizes ou estagiários sem remuneração.

### 3 O COTIDIANO DOS TRABALHADOS INFORMAIS DE MARACANAÚ

Neste capítulo, abordaremos o assunto a partir de uma etnografia e algumas entrevistas. Escolhemos como objeto principal de pesquisa os trabalhadores e ex-trabalhadores informais da CEASA (Central de abastecimento do Ceará)<sup>4</sup>. Procuramos entrevistar aqueles que estavam trabalhando na total informalidade e com funções totalmente degradantes de trabalho. Além das entrevistas, fizemos uma etnografia com a Sra. Dina, proprietária de uma barraca que vende churrasco, que foi de grande importância para compreensão desta pesquisa.

Nosso primeiro entrevistado chama-se Jefferson Duarte, masculino, pardo, vinte e um anos de idade, solteiro, ensino médio incompleto, não tem filho e ainda mora com os pais, Jefferson nos disse que trabalhou na CEASA durante três anos em um espaço onde eram vendidas uvas. Antes de começar a trabalhar, fazia somente o ensino médio.

Ele trabalhava de segunda-feira a sábado e, às vezes, também trabalhava aos domingos. Existia uma divisão do trabalho conforme os dias da semana. Nas segundas e na quintas-feiras, como era dia de chegar carregamento e de distribuir a mercadoria para os clientes, a carga horária de trabalho se tornava maior, ou seja, começava às 2h e se estendia até as 16h, totalizando quatorze horas de trabalho diário.

Nas terças, quartas, sextas e sábados, o horário era de 4h até 16h. O serviço era basicamente o mesmo, mas com uma carga horária inferior aos dias anteriormente citados. Diante disto, o que se fazia era organizar a mercadoria, pegar um caminhão e distribuir o produto para os clientes.

Cada trabalhador ganhava quinze reais de almoço e cinco reais de merenda, e não existia uma hora certa nem para almoçar nem para lanche. Só podiam comer quando o trabalho aliviava um pouco e só podiam sair de dois em dois (em uma equipe de seis trabalhadores). Cada trabalhador recebia duzentos reais por semana. Como não existiam muitos critérios para contratação de novos funcionários, esta era feita no momento em que surgisse uma oportunidade; o candidato deveria se apresentar ao dono da venda e já passaria a trabalhar, sem nem mesmo saber a sua idade ou a sua qualificação.

No aspecto relacionado às dificuldades do trabalho, Jefferson nos relatou que desempenhava várias funções ao mesmo tempo, já sofreu acidente no trabalho, não tinha folga remunerada, não tinha férias, e se faltasse, mesmo com atestado, a remuneração semanal era descontada, porque o patrão sempre achava que os atestados eram falsos.

A relação com o patrão era complicada, se errasse em algum serviço, o trabalhador era xingado com palavras de baixo calão. As maiores dificuldades enfrentadas, segundo Jefferson,

---

<sup>4</sup> Grande polo comercial do governo do estado do Ceará, onde funciona principalmente o comércio de produtos de hortifruticultura em atacado, para donos de grandes comércios e também de pequenos comércios.

“[...] é porque todo trabalho é braçal, além de descarregar as mercadorias no ombro ainda tinha que levar para outro lugar em um carrinho carregando sozinho”. Além de tudo ser feito de forma braçal, cada trabalhador tinha que realizar várias atividades, como descarregar o caminhão, pesar as frutas, selecionar as frutas boas e ruins e depois colocar todas as caixas secas de volta no veículo.

Ao longo desses três anos, Jefferson passou por inúmeras dificuldades relacionadas à sua situação no trabalho. Ele nos relatou um acidente de trabalho:

Eu estava levando um carregamento que tinha quinze caixas no carrinho, mas só cabiam dez caixas, mesmo assim o patrão me obrigou a levar. No caminho eu enganchei minha mão no carregamento e acabei tendo um corte feio. Depois que isso aconteceu o meu patrão só fez jogar um pouco de água gelada na minha mão e colocar uma atadura e depois disse que já podia voltar para o trabalho. Nem fui para o hospital e nem fui indenizado.

Isto posto, conseguimos entender um pouco como é complicada a vida de alguém que trabalha informalmente na CEASA. O próprio entrevistado nos relatou que achou isso um total absurdo, e que o pior não foi o acidente em si, mas a falta de apoio do seu patrão. Então, a partir desse primeiro depoimento feito, nota-se como o trabalhador é totalmente desvalorizado. O pior de tudo é que, para Jefferson, isso é o que menos importa; o importante é a remuneração adquirida no trabalho, ou seja, não há preocupação com sua saúde e integridade física. Neste ponto, percebemos algo bastante negativo dentro do trabalho informal.

Outra dificuldade relatada foi que, no final de ano, como existe mais trabalho a ser realizado, Jefferson acabou saindo de casa para trabalhar às 2h da madrugada e chegando em casa apenas às 22horas.

Outro problema que o entrevistado nos relatou seria a grande quantidade de insetos e animais que contaminavam o ambiente, fazendo com que fosse mais fácil contrair uma doença. Havia muita lama em seu local de trabalho e passavam vários animais, o contribuía para uma maior contaminação do local. Jefferson afirma o seguinte:

E também mais um problema era que a grande quantidade de trabalhadores com idade inferior a dezoito anos e que a fiscalização era uma vez pedida e quando chegavam alguns dos trabalhadores de menor se escondiam, e os outros, a fiscalização só perguntava a idade sem pedir documento nenhum.

Neste depoimento, Jefferson acha até engraçado o fato de a fiscalização não conseguir identificar quem é menor de idade e quem não é, porque as “crianças” que trabalham na CEASA têm uma massa corporal bem desenvolvida, por serem acostumados a carregar muito peso e, como não é exigido nenhum documento de identificação nas abordagens, torna-se difícil saber a idade dos trabalhadores.

Outro fato é que, entre os trabalhadores, existia um vocabulário comum quando alguns destes desviavam a carga para si (chamavam essa atitude de “gol”, “golaço” ou “galinha morta”), o que consideramos extremamente importante no trabalho informal, pois essa é uma forma de resistência sobre toda a exploração contida na sua atividade.

Jefferson tinha uma real noção de que seu trabalho era um trabalho extremamente precário; no entanto, a facilidade com que se conseguia uma vaga fazia com que ele acabasse sempre indo para a CEASA quando precisava de dinheiro. Ele afirma: “A situação era precária até demais, se sentia explorado sim, mas não queria nem saber, o importante era estar com dinheiro no bolso sábado (dia do pagamento).”

Aqui conseguimos compreender e ter uma pequena noção do que representa o trabalho informal para Jefferson, que, apesar de admitir a exploração demasiada, não considerava esse aspecto tão ruim, pois o que importava apenas era a remuneração, ou seja, aqui fica exposto um aspecto extremamente negativo, que é a alienação de quem vende sua força de trabalho.

Apesar de Jefferson admitir que o trabalho era explorador e poucos aguentavam ficar, ele continuava trabalhando, porém, um dia ele sentiu um problema de saúde e foi até ao médico. Ele relatou esse fato da seguinte maneira:

Um dia passei mal e fui para o médico e ele me perguntou qual era meu trabalho. Eu disse que trabalhava na CEASA, expliquei direitinho como era, então ele me disse que eu estava trabalhando muito e descansando pouco e se continuasse assim só teria mais seis meses de vida, então eu optei por sair da CEASA e nesse momento foi que eu caí na real e vi que não era aquilo que eu queria para o resto da minha vida, então voltei a estudar.

Entrevistei outro ex-trabalhador informal da CEASA: Cristiano Martins, solteiro, vinte dois anos, pardo, ensino médio completo e sem filhos. Ele trabalhou na CEASA durante um ano; quando entrou tinha apenas dezenove anos e resolveu trabalhar lá porque precisava de dinheiro. Estava desempregado e não tinha oportunidade no mercado formal. Ele não tinha experiência comprovada na carteira de trabalho e não possuía qualificação e capacitação que lhe pudesse proporcionar uma boa ocupação. Como a demanda por mão de obra era alta na CEASA, seria fácil conseguir esse trabalho informal: alguns amigos o convidaram a ir trabalhar lá e ele acabou aceitando.

Cristiano descreve o trabalho que ele realizava como sendo de difícil realização, pois ele precisava acordar cedo, carregar muito peso e era extremamente explorado, além de receber pouco. Como Cristiano só trabalhava às terças e quintas, só recebia uma diária, correspondente ao valor de trinta e cinco reais (isso porque era no setor que vendia predominantemente morango, o preço da diária varia em cada local de trabalho). O horário de trabalho era de 2h até 12h; no entanto, eventualmente ele entrava 21h e só saía ao meio-dia (mesmo assim continuava

ganhando o mesmo valor da remuneração diária dos outros dias). A principal dificuldade que ele encontrou foi a de se acostumar com o horário de trabalho.

No seu cotidiano laboral, Cristiano Martins desenvolvia diversas atividades, desde limpar o caminhão até organizar e vender a mercadoria comercializada. Diante disto, o trabalho tornava-se pesado, porque a atividade desenvolvida era descarregar as caixas com morango e levar para outros compartimentos onde a mercadoria era armazenada ou vendida. No entanto, mesmo tendo como função principal descarregar a mercadoria, Cristiano nos diz que desenvolvia qualquer atividade que fosse pedida.

Com toda essa exploração e com tantas dificuldades, um ponto positivo foi que Cristiano nunca sofreu nenhum acidente no trabalho, o que é algo frequente entre os trabalhadores informais da CEASA que trabalham descarregando os caminhões com frutas e outros alimentos. A seguir, Cristiano nos relata que passou por uma situação complicada no trabalho:

Teve um dia que eu estava organizando as mercadorias e não tinha nenhum carrinho para levar para os outros compartimentos, então o encarregado me pediu para levar uma caixa na cabeça que pesava aproximadamente uns cinquenta quilos, mas eu disse que não ia levar, até porque não tinha condição por causa do meu porte físico, eu achei um total absurdo.

Cristiano se sentia totalmente explorado no trabalho que realizava, principalmente porque trabalhava muito e ganhava pouco, não era respeitado, não era valorizado de nenhuma maneira. Mas como ele precisava muito do dinheiro, ia somente por isso e, com essa diária que ele ganhava, custeava suas necessidades pessoais.

A seguir mostraremos o relato de como se procede na prática a resistência sobre toda essa exploração, sabemos que é comum ocorrer alguns desvios de mercadoria. O entrevistado nos disse que, aonde ele trabalhou, acontecia sim esse tipo de coisa, mas que não são todos os trabalhadores que costumam fazer isso e, também, depende de cada lugar, cada local tem sua particularidade para esses desvios (resistência sobre a exploração demasiada). Se o dono, por exemplo, não controla sua mercadoria, fica mais fácil desviar, mas, se ele controla, existem outras maneiras de burlar o controle do patrão.

Segundo o depoimento de Cristiano, isso ocorria no seu setor de trabalho:

Quando eu e o funcionário mais antigo fazíamos entrega no caminhão para outros locais fora da CEASA, o funcionário mais antigo, que era o responsável por toda mercadoria, acabava desviando algumas caixas, porque o dono do morango não tinha um controle rigoroso da mercadoria e isso facilitava o desvio.

Cristiano, apesar de não concordar com o desvio, também não gostava de opinar sobre isso; preferia fingir que aquilo não existia para não se prejudicar e ficar visto como delator entre os funcionários. Mesmo com essa adversidade, percebe-se que existem pessoas boas que trabalham informalmente porque precisam e não porque estão mal-intencionadas. Apesar de o

desvio de carga ser algo comum, não podemos generalizar e pensar que todos os trabalhadores da CEASA são mal-intencionados.

Os dois próximos entrevistados da pesquisa ainda continuam trabalhando na CEASA. O primeiro deles é Alexandre Rabelo, pardo, vinte e um anos, solteiro, ensino médio incompleto. Antes de começar a trabalhar, Alexandre estava desempregado e somente estudava. Começou a trabalhar com dezenove anos e o que mais o motivou para ir trabalhar lá foi a falta de outras oportunidades de emprego e também a necessidade por um trabalho rápido.

Os seus amigos lhe motivaram a ir trabalhar na CEASA e ele acabou aceitando. Alexandre trabalha de segunda-feira até sábado, com dois horários diferentes. Nos dias de terça e quinta-feira ele entra às onze e meia da noite e sai às nove e meia da manhã. E nos outros dias que ele trabalha o horário é de duas e meia da madrugada até as dez da manhã, seu ganho semanal é de duzentos e setenta e cinco reais. Sua única folga é no domingo e teve suas primeiras férias depois de um ano de trabalho.

O trabalho desenvolvido por Alexandre é o de separar as frutas boas das frutas ruins e ele considera boa, sua atividade de trabalho; só acha ruim o fato de não ter tempo específico para merendar: precisa fazê-lo rapidamente e já voltar para o serviço.

Quando falta algum outro funcionário, isso lhe faz trabalhar mais para compensar a ausência do seu colega, e é nesse momento que ele se sente explorado no trabalho.

As únicas dificuldades encontradas por Alexandre foram se acostumar com o horário de atuação e o trajeto casa/trabalho que lhe deixa inseguro devido ao fato de terem poucas pessoas no horário que ele sai para trabalhar, fora isso, ele nos relata que o resto foi fácil.

Com relação à experiência adquirida no trabalho, ele nos diz que foi de extrema importância para sua vida, porque o tornou mais responsável e lhe ajudou a conquistar muitos dos seus objetivos pessoais, além de poder ajudar sua mãe financeiramente, que era uma motivação particular de Alexandre.

O segundo entrevistado é David Martins, pardo, dezoito anos, masculino, solteiro, ensino médio incompleto. Antes de começar a trabalhar na CEASA, era apenas estudante do ensino médio. Trabalha desde os dezesseis anos de idade. David optou por ir trabalhar na CEASA porque estava precisando ajudar a família e necessitava de um trabalho rápido. Seus amigos indicaram a CEASA como um local onde facilmente se encontra um emprego, uma vez que lá estão sempre precisando de mão de obra.

Com a influência dos amigos, David conseguiu o trabalho e começou rapidamente. Já na segunda semana de trabalho estava adaptado ao serviço. Os dias de trabalho de David são as terças e quintas-feiras, com horário de entrada a uma hora da madrugada e horário de saída as

dez horas da manhã, ele possui uma remuneração diária de cinquenta reais, mais cinco reais para custear sua merenda.

Segundo o relato de David, seu trabalho é carregar e descarregar os caminhões com as caixas de frutas e fazer as entregas, dentre outras atividades que sejam necessárias para o melhor desenvolvimento do serviço. Sua principal dificuldade no começo foi acostumar-se com o horário de trabalho, mas com o passar dos anos isso se tornou algo normal e hoje não existe mais.

Além do horário, David também passou por um momento complicado no começo, pois ele sofreu um acidente quando estava descarregando o caminhão com outro colega. Por um descuido, seu colega acabou jogando uma caixa na sua cabeça, que pesava aproximadamente uns quarenta quilos. Depois desse ocorrido seu patrão só perguntou se ele queria ir para casa e não ofereceu nenhuma ajuda para levá-lo ao médico ou sequer o indenizou por esse acidente sofrido no serviço. Passadas essas dificuldades iniciais, hoje David se considera totalmente adaptado ao serviço.

David nos diz também que sua relação com os colegas de trabalho e com seu patrão é boa; o ambiente é sempre de descontração. Quando perguntado se ele se sente explorado no seu trabalho ele responde que sim, afirmando: “Não quero mais isso para mim e nem para ninguém, porque, além do trabalho ser muito ruim, o pior de tudo foi que atrapalhou meus estudos e eu parei no primeiro grau do ensino médio”.

Com relação às boas coisas que o trabalho lhe trouxe, ele só consegue citar o dinheiro, que serve muito para ajudar sua família e custear seus interesses pessoais, como comprar roupa e utilizar o dinheiro para sair com os amigos.

O que conseguimos notar em relação a esses trabalhadores da CEASA que foram entrevistados é que existe uma necessidade de ajudar tanto a família como a si mesmo, então eles acabam aceitando o primeiro trabalho que aparece, sem se preocupar com as consequências futuras como, por exemplo, deixar os estudos para o segundo plano. Mas a própria pressão familiar por uma ajuda financeira os faz optar por esse caminho.

O fato é que a atividade de trabalho realizada é verdadeiramente o que menos importa para esses trabalhadores, eles só se preocupam com a remuneração, mesmo que tenham que sofrer qualquer tipo de adversidade por parte da atividade exercida.

Entrevistamos outra pessoa que trabalha informalmente conhecida popularmente como Sra. Dina que, antes de trabalhar informalmente, era costureira. Ela possui uma barraca de churrasco que fica localizada no município de Maracanaú, mais precisamente no bairro da Pajuçara.

Dina, como é popularmente conhecida, tem cinquenta e sete anos de idade, é divorciada, possui três filhos, é de cor parda e só concluiu até a sétima série do ensino fundamental (fundamental incompleto). Ela nos relata um pouco da história de como tudo começou para hoje ela ser uma trabalhadora informal que consegue ganhar a vida e, de certa maneira, ter muitos benefícios com sua profissão.

Tudo começou quando, por acaso, o espetinho e o ponto já tinham um dono, essa pessoa era amigo dela. Certo dia ele adoeceu e, devido à sua doença ser um pouco grave, segundo Sra. Dina, ele ofereceu a barraca e o ponto para ela por cinco mil reais e disse que ela poderia pagar de qualquer forma. Ela aceitou a proposta e começou a tocar o investimento.

Ela passou um ano trabalhando praticamente só, após esse período difícil ela contratou um funcionário para ajudá-la (ela paga cem reais por semana para ele), passadas essas dificuldades, hoje ela vende em média cento e cinquenta espetinhos por dia, fora os refrigerantes, cerveja, cachaça e baião nos dias de sexta-feira.

Ela não se queixa do trabalho. A única adversidade, segundo ela, é que uma parte do trabalho (comercialização das mercadorias) é realizada no meio da rua, mas ressalta a importância do investimento para sua vida e o descreve com algo essencial para sua existência pessoal e profissional.

Há pouco tempo, a Sra. Dina contratou outro funcionário com a mesma remuneração do primeiro. Ela relata que sua relação com os funcionários é boa; a única cobrança é com relação à higiene deles. Ela libera os trabalhadores apenas aos domingos, além de dar vinte dias de férias no mês de dezembro. Já faz três anos que ela está desenvolvendo esta atividade e se considera muito satisfeita e realizada por ter essa profissão.

No dia vinte e seis de junho de dois mil e quatorze realizamos a pesquisa etnográfica com Sra. Dina e seus dois funcionários. Chegamos à sua residência às sete e meia, horário em que ela e seus ajudantes começaram a cortar as carnes, fazer os temperos e preparar os espetos para serem comercializados mais tarde.

Tudo é realizado em um compartimento específico dentro de sua própria casa, que é onde as preparações dos alimentos ocorrem e também onde as carnes são separadas. Ademais, é ali que se encontram os vários utensílios usados no serviço. Antes de chegarmos, Sra. Dina e seu companheiro já tinham ido até a CEASA às quatro horas da manhã comprar as carnes que seriam preparadas para a comercialização.

Todo procedimento é feito por Dina e seus ajudantes. Primeiramente, ela lava toda a carne e depois começa a cortá-las. Após isso, os pequenos pedaços são separados em várias vasilhas de plástico dispostas sobre uma mesa destinada apenas para realização desse serviço.

Ela separa cada carne no seu devido lugar e seus ajudantes vão colocando as peças nos palitos de espeto.

Com muita técnica, eles colocam a carne no palito, mas, mesmo com o referido cuidado, às vezes acabam furando os dedos em alguns momentos de descuido. Esse procedimento de corte e ajuste da carne acontece entre sete e meia e onze e meia da manhã. Depois disso, Sra. Dina e seus ajudantes vão almoçar. Os ajudantes almoçam em suas respectivas casas e depois retornam ao serviço.

Os ajudantes voltam ao serviço uma e meia da tarde e começam a organizar os objetos que serão levados até o ponto de comércio, que está localizado a aproximadamente quarenta metros da casa de Dina.

Ela começa organizando as mesas e cadeiras, copos, vasilhas com os espetos crus, copos descartáveis, sacolas e balde de água, que serve para lavar as mãos tanto dos ajudantes quanto dos clientes, a churrasqueira, o carvão e vários pedaços de madeira e papelão, uma lona que serve para proteção contra o sol e as demais matérias que serão comercializadas, entre elas cachaça e refrigerante.

Aproximadamente às duas horas da tarde, os ajudantes saem para começar o trabalho no ponto de comércio e Sra. Dina fica em casa descansando ou fazendo outras atividades que julgue ser necessárias. Quando chegam, os ajudantes montam a barraca e colocam as mesas e cadeiras por perto, mas ainda não as deixam organizadas; depois eles montam a churrasqueira, colocam um cesto de lixo no chão e o balde de água em uma mesa separada.

Ao término desse procedimento de ajustes, os ajudantes colocam o carvão na churrasqueira e misturam com os pedaços de madeira e papelão para ascender o fogo. Eles têm um pouco de dificuldade para acender o fogo por causa dos ventos.

Eles nos relatam que uma das dificuldades é lidar com a fumaça e com a alta temperatura. Depois de acender o fogo, eles começam a assar as carnes de quatorze em quatorze espetinhos, que é o que cabe na churrasqueira de uma só vez. Vão assando até terminar tudo, e esse procedimento dura em média duas horas ou duas horas e meia. Enquanto isso, a clientela é fraca, aparecem poucas pessoas, uns para beber uma dose de cachaça e outros para comer um espetinho.

Às cinco horas da tarde, aproximadamente, Sra. Dina chega e pede para os ajudantes organizarem as mesas e cadeiras. Pouco tempo depois, a clientela começa a surgir em maior número. Mas, neste dia, ela se descuidou e foi enganada por um cliente que pediu o espeto, comeu e saiu de sem pagar. Isso lhe deixou bastante irritada, mas o serviço continuou.

Os clientes chegam de vários locais e de diversos meios de condução: a pé, de carro, de moto, bicicleta e etc. Quando o movimento aumenta, quem atende quase toda a clientela são os

ajudantes. Sra. Dina passa a maior parte do tempo conversando com alguns clientes ou amigos; uma vez ou outra ela atende algum cliente, depois volta a ficar sentada, conversando.

Às 18h, aproximadamente, o movimento chegou ao auge. Todas as mesas estavam lotadas e várias pessoas pediram os diversos produtos oferecidos. Isso permaneceu até umas sete e meia da noite. Depois desse horário, apareceram outros clientes, mas o movimento diminuiu bastante, e o trabalho continuou até 20h.

Em seguida, todos os materiais foram recolhidos pelos ajudantes de Sra. Dina. Primeiro eles começaram a levar as cadeiras, depois as mesas; algumas foram levadas em um carrinho de mão e outras nos braços de um dos ajudantes. Quando terminaram essa tarefa, eles começaram a organizar os materiais e guardaram tudo em um compartimento dentro do carrinho de espeto, derramando a água suja que foi utilizada.

Quando tudo está organizado, os dois ajudantes levaram os carrinhos de volta para casa de Sra. Dina, que fica bem próximo, e colocaram dentro da sua garagem (lugar em que ficam os dois carrinhos do espeto, carvão e a churrasqueira). Depois que tudo foi guardado, os espetinhos que sobram foram colocados no *freezer* e, segundo Dina, ainda podiam ser aproveitados até oito dias depois.

Toda a mercadoria contida dentro do carrinho é descarregada e colocada no compartimento da casa onde ficam os materiais específicos para o trabalho, para, mais tarde, serem lavados por Dina e seu marido. Depois de descarregarem as mercadorias, os ajudantes estão liberados do serviço e voltam para suas casas, aproximadamente às 21h, para recomeçar novamente a jornada de trabalho às 7h do outro dia.

Depois que os funcionários se vão, Dina vai contar o dinheiro que foi ganho no dia de trabalho. Nesse dia, a venda dos produtos rendeu cento e noventa e sete reais. Depois da contagem do dinheiro, ou seja, aproximadamente às 21h, nosso trabalho etnográfico já está encerrado.

## 4 CONCLUSÃO

Diante do exposto acima, concluímos que o trabalho informal acaba se tornando uma saída para esses trabalhadores que não conseguem retornar ao setor de trabalho formal. O trabalho realizado é exaustivo; porém, percebemos que as pessoas que estão inseridas nele conseguem resistir a todas essas adversidades por necessidade.

Percebemos que, na sociedade atual, ter uma ocupação de trabalho, além de ser um direito constitucional, é algo indispensável para satisfazer às necessidades basilares de qualquer cidadão. Notamos que o trabalho informal trouxe para a vida dessas pessoas (os entrevistados da pesquisa), o que elas mais queriam, a satisfação de poder exercer alguma atividade de trabalho remunerado para ajudar na renda familiar.

Por consequência, eles passaram a ter a capacidade de conquistar seus objetivos pessoais e obter experiência profissional como, por exemplo, adaptar-se ao cotidiano de trabalho e aprender a assumir as responsabilidades que são necessárias em qualquer profissão, mesmo no caso do trabalho informal.

O trabalho informal proporcionou uma saída para muitos e, de certa forma, consegue compensar a falta de oportunidades e postos de trabalhos para todos. Essa saída é muito comum para aqueles menos favorecidos economicamente e intelectualmente, como foi mostrado no decorrer dessa pesquisa.

Como já foi relatado algumas vezes ao longo da pesquisa, o trabalho informal era considerado uma atividade a margem do sistema capitalista e era esperado que, com o passar dos anos, ela fosse excluída. Porém, essa modalidade de trabalho conseguiu e consegue se manter viva até os dias atuais, ainda de forma precária, mas, mesmo assim, ela é de extrema importância para muitos moradores do município de Maracanaú, pois assim eles conseguem suprir uma lacuna de demanda por trabalho que existe para as pessoas menos qualificadas.

De fato, constatamos que, para os participantes de nossa pesquisa, a oportunidade de poder trabalhar informalmente ajuda bastante, pois ela dá a esses jovens e adultos uma oportunidade valiosa de crescerem profissionalmente.

Basicamente, a maioria dos entrevistados não possui nem mesmo o ensino médio completo, e os jovens possuem pouca experiência profissional, devido à grande dificuldade de encontrar o primeiro emprego. Eles declararam abertamente que precisavam de uma ocupação de trabalho para ajudar a família, mesmo que sendo através do setor informal.

Os jovens entrevistados que trabalham na CEASA, por exemplo, são homens, em sua maioria pardos, que possuem uma idade média entre dezesseis e vinte e um anos. Atuam principalmente carregando e descarregando as frutas que chegam a bordo dos caminhões de carga. Recebem uma remuneração mensal, dependendo do local onde trabalham, de

aproximadamente oitocentos reais, isso se trabalharem todos os dias do mês, ou uma diária que varia entre trinta e cinquenta reais para aqueles que trabalham apenas um ou dois dias na semana.

No caso específico da Sra. Dina, que é proprietária de uma barraquinha de churrasco, a situação é um pouco mais tranquila, pois ela não trabalha nos horários em que o clima está mais quente e sua atividade se dá mais no preparo das carnes. A mesma recebe o pagamento pela venda de seus produtos. Segundo ela, é remunerada com um valor que varia de cento e cinquenta a duzentos e cinquenta reais, diariamente.

Para os ajudantes de Sra. Dina, a remuneração é um pouco menor do que a dos jovens que trabalham na CEASA. Porém, eles acham importante trabalhar na barraca dela, pois com essa remuneração ajudam a complementar a renda em casa e conseguem comprar produtos de uso pessoal.

Com tudo que já foi exposto, fica clara a importância do trabalho informal no município de Maracanaú, uma vez que a sociedade atual é capaz de excluir diversas pessoas de um ambiente de trabalho favorável, por conta da pouca experiência e desqualificação ou mesmo pelos preconceitos. O trabalho informal consegue absorver essa força de trabalho, inserindo assim os menos favorecidos e fazendo com que eles consigam uma vida mais digna para si e para seus familiares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

ANTUNES, R. *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

ANTUNES, R. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? *Serviço Social & Sociedade*, n. 107, p. 405–419, 2011.

AUGUSTA, M. Trabalho informal: os fios (in) visíveis da produção capitalista. *Revista Outubro*, 2002.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. São Paulo: Vozes: Petrópolis, 1998.

CENSO DEMOGRÁFICO. *Resultados preliminares*. Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default\\_tabulacao](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default_tabulacao)>. Acesso em: 1 jan. 2014.

IPECE. *Perfil Básico Municipal: Maracanaú*. Disponível em: <[http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil\\_basico/pbm-2011/Maracanau.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2011/Maracanau.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2015.

NORONHA, E. “informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 53, 2003.